

A INFLUÊNCIA DAS CIDADES UTÓPICAS NA CONSTRUÇÃO DE CIDADES MAIS SUSTENTÁVEIS NO IMAGINÁRIO COLETIVO.

Tatiane Farahte Giangiardi (IC) e Pérola Felipette Brocaneli (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

Este estudo teve como objetivo, por meio de uma revisão de literatura, entender se cidades utópicas literárias poderiam representar referências do imaginário coletivo para cidades ideais. Através de indicadores de cidades nas quais o bem-estar coletivo prevaleça, como cidades biofílicas e as cidades sustentáveis que atendam aos 17 ODS, foram selecionadas e classificadas cidades da obra de Tolkien (1954). Ao longo de seis décadas após seu lançamento, as obras de Tolkien (1954) continuam sendo consumidas pelo público ao redor do mundo, o que aponta para um sucesso de aceitação do universo utópico criado pelo autor. Sendo plausível a análise da seleção da obra de Tolkien (1954) foram elaboradas tabelas com indicadores de cidades biofílicas, cidades utópicas e 17 ODS, para analisar se as cidades utópicas selecionadas possuem os parâmetros que oportunizam o bem-estar coletivo. Visitando conceitos elaborados Hardin (1968) e Spirn (1995), entende-se que as cidades são um reflexo da população que as habita, indicando que quaisquer adversidades enfrentadas ou mudanças necessárias terão de ser administradas por seus ocupantes, que deverão ter suas referências do que é uma cidade ideal. Entender as possíveis relações entre cidades ideais e cidades reais, pode auxiliar no aprimoramento da produção da Arquitetura e Urbanismo para a população.

Palavras-chave: cidades utópicas, sustentabilidade, imaginário coletivo.

ABSTRACT

This study had as a goal, through a review of literature, to understand if utopian cities in literature could represent references, within the collective imagination, for ideal cities. Using indicators of cities where the collective well-being prevails, like biophilic cities and sustainable cities from the 17 SDG, cities from Tolkien (1954) work were classified. Throughout six decades after its release, Tolkien (1954) words keeps being consumed by people all over the world, which points to a success in the acceptance of the utopian universe created by the author. Being plausible the analysis of the selection from Tolkien (1954), there were elaborated charts which exposes the data collected from the analysis of the indicators of biophilic cities x utopian cities and 17 SDG x utopian cities, that validate if the selected utopian cities do possess the



parameters that provide opportunities for the collective well-being. Visiting concepts elaborated by academics such as Hardin (1968) and Spirn (1995), it's possible to understand that cities reflect those who occupy them, and that if any problems appear and if there are measures to be taken, it will be addressed to these very inhabitants, whom will need to have references of what an ideal city looks like to them. Understanding the possible relationships between ideal cities and real cities can aid in enhancing architecture and urban planning for the population.

Keywords: utopian cities, sustainability, collective imagination.

1. INTRODUÇÃO

As cidades utópicas são os cenários ideais, primordiais, para o desenvolvimento de histórias fantásticas que encantam e comovem milhões de pessoas. As cidades utópicas carregam críticas às cidades contemporâneas, procuram desvendar potencialidades que as instituições ignoram ou escondem sob o manto de comportamentos e subculturas (Pessoa, 2006). Nesta perspectiva, surge a questão que motiva esta pesquisa: as cidades utópicas podem construir valores, no imaginário coletivo, que influenciam no desenvolvimento de cidades mais sustentáveis?

Ou seja, através da análise das cidades utópicas, frente a indicadores relacionados a sustentabilidade nas cidades, seria possível encontrar similaridades entre as cidades utópicas e o que é desejado para as cidades mais sustentáveis? Ou ainda, cidades onde o bem-estar coletivo prevaleça?

Os indicadores de cidades biofílicas definidos por Beatley (2011) estão alinhados aos 17 ODS da ONU que orientam cidades para serem mais sustentáveis, valorizando o bem-estar coletivo. Algumas das cidades utópicas descritas por Tolkien (1954) apresentam características de cidades biofílicas e de cidades sustentáveis. Desta maneira, para selecionar as cidades utópicas descritas por Tolkien (1954), foram analisados os lugares descritos que correspondiam a um aglomerado de pessoas vivendo juntas e em comunhão com a natureza.

Tolkien (1954) descreve a cidade onde o personagem Frodo¹ se encontra e que comoveu seu estado de espírito.

“No dia seguinte Frodo acordou cedo, sentindo-se refeito e bem disposto. Caminhou pelos terraços acima de Bruinen, que corria ruidoso, e observou o sol pálido e frio que se erguia sobre as montanhas longínquas e brilhava oblíquo através da fina névoa de prata; o orvalho nas folhas amarelas rebrilhar, e as redes tecidas de filandras piscavam em todos os arbustos. (...)”

¹ Personagem principal da trilogia “O senhor dos Anéis” de J. R. R. Tolkien, 1954.

-Alô! Bom dia! - disse Bilbo - Sente-se preparado para o grande conselho?

-Sinto-me preparado para qualquer coisa - respondeu Frodo - Mas mais que tudo eu gostaria de caminhar hoje e explorar o vale. Gostaria de entrar naquelas matas de pinheiros lá em cima. -

Apontou para longe, para a margem norte de Valfenda.”

(Tolkien, 1954, p. 345)

No contexto do livro, neste momento, Frodo correu um risco de vida poucas horas antes, mas se encontra disposto e revigorado para os próximos desafios de sua saga, ademais, preferia explorar Valfenda² a ir de encontro aos líderes que o esperavam.

Tolkien (1954) foi o precursor do gênero fantasioso na literatura popular, estimando-se que tenha vendido mais de 150 milhões de livros desde seu lançamento e após a obra ser adaptada para o cinema em 2001, aumentou exponencialmente seu alcance. A descrição dos elementos ecossistêmicos como elemento empático entre o leitor e o personagem, além da idealização de um bem-estar coletivo nas cidades – caracterizadas como do bem, na qual sua população também é boa – concebendo uma sociedade utópica é constante na obra.

Enquadrando a obra de Tolkien (1954) no gênero Utopia, é plausível que o grau de convencionalidade extraído pelo autor seja voltado à relação com o meio (Barbosa,2006), sendo distinguido como fator característico do gênero utopia o grau de equilíbrio das sociedades com a natureza para esta pesquisa. Desde a década de 1960, há denúncias sobre como a sociedade lida com o meio-ambiente na literatura popular, que pode ser observado em Herbert (1965).

Tolkien (1954) constrói utopias, as quais são objeto do estudo desta pesquisa, devido seu grande sucesso literário e cinematográfico, ao longo de sete décadas. Essa pesquisa investiga, na literatura e obra cinematográfica de Tolkien (1954), a relação do homem com a

² Valfenda: cidade fictícia no continente da Terra Média, onde predominam paz e harmonia. Uma cidade bela, construída em comunhão com a natureza através de avançada tecnologia élfica.

natureza e avalia através dos indicadores para cidades biofílicas escritas por Beatley (2011) se são cidades biofílicas e se são cidades sustentáveis.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

De acordo com Hermann (1979) pode-se dizer que o imaginário coletivo é um plano emocional que um indivíduo habita, mas sem se dar conta conscientemente, onde ideias e sentimentos são crivados por suas experiências e outros elementos armazenados neste plano. Este plano é mutável de acordo com culturas e experiências de vida e podem sustentar simbolicamente práticas estereotipadas e até mesmo segregadoras (Rosa, 2018).

Paralelamente, o conceito de utopia é definido por Moore (1516) com o significado de não-lugar e com o sentido de irreal (Barbosa, 2006), ou seja, um plano não localizado efetivamente e que não tem amarras concretas com o mundo em que vivemos. Para a discussão deste projeto, o termo utopia será entendido como gênero.

Segundo Lacroix (1996) o gênero utopia, aplicado à literatura, cinema e artes em geral, deve ter uma conexão com o mundo real, sem perder o caráter de fantasia. E as obras consideradas utópicas são marcadas pela possibilidade de sua existência com a alteração da realidade que se apresenta, no momento.

Por sua vez, a distopia, antagônica da utopia, é o não-lugar onde a vida humana seria pouco provável. Com lógicas de poder desreguladas, voltadas ao controle e consumo, desviadas do bem social (Lobão; Maranhão; Menezes, 2019).

Coelho (1985) aponta que para que a imaginação utópica ocorra, é necessário o descontentamento com algo, pois será a utopia, carregada pelo otimismo, que apontará onde se encontra a chance do sucesso. Pode-se pensar que, para que se crie uma cidade utópica no imaginário coletivo, é necessário que a situação atual esteja se assemelhando à distopia.

Desde o meio do século XX existe uma preocupação em relação a como o ser humano interage com o meio em que está inserido e as consequências para a sociedade se o caminho não for mudado. Segundo Hardin (1968), o desenvolvimento às custas da dilapidação de recursos naturais é um indicador de individualismo e descaso com o bem-estar coletivo. Condenando esse comportamento, o ecologista que a natureza consegue reverter esses problemas, porém, em áreas de pouca densidade populacional.

Após o período pós-guerra (1945 -1955) e a Guerra Fria (1947-1991), vê-se uma mudança nos ciclos migratórios entre áreas rurais e urbanas ao redor do globo, e por conseguinte, da densidade populacional (Brito, 2018). Ainda segundo Hardin (1968), uma cidade com alta densidade populacional, geralmente não consegue ser autossuficiente no abastecimento de recursos naturais, pois sua área comum não cumpre com a necessidade. Isso a obriga a buscar seus insumos de áreas periféricas à área urbana, e assim, usando uma área comum que não lhe cabe.

Vinte e sete anos após Hardin (1968) escrever sobre a tragédia dos comuns, Spirn (1995) apresenta as Cidades Infernais e as Cidades Celestiais, que desenvolve um cenário semelhante ao raciocínio de Hardin (1968) explorando como o desenvolvimento humano pode se sobrepor à natureza, exaurindo-a.

Para Spirn (1995) a Cidade Infernal nada mais significa que a inércia humana para mudar uma crise iminente, causada pela escolha de resultados a curto prazo sem considerar o trabalho e o planejamento a longo prazo. A cidade infernal é o lugar de onde a população emigrou das metrópoles para cidades interioranas, a água pura é escassa e a energia elétrica também. A poluição causou distúrbios genéticos nos recém-nascidos, reduzindo a criticada densidade populacional excedente por Hardin (1968), e os locais de moradia pré-existentes às crises, não são aptos à moradia. Apontando todas as causas e consequências, Spirn (1992) explica como a cidade infernal é o resultado do modelo do individualismo humano e sua época, promovendo modelos de cidades falidos.

Em contrapartida, também é apresentada a Cidade Celestial, não como uma cidade utópica nascida de sonhos, mas como uma cidade moderna comum que foi capaz de aplicar estratégias ambientais válidas, desenvolvendo planos para os problemas ambientais. A cidade celestial é descrita como um local que também passou por crises, inundações etc., mas que se posicionou e investiu em sua melhoria. Cada projeto urbano é visto como um elemento de um plano maior, habitações foram proibidas nas áreas de risco, jardins e hortas adentraram no espaço do cotidiano, culminando na consciência do uso econômico de recursos naturais e energia. A água é conservada atenciosamente, onde a paisagem e os recursos naturais são exibidos com orgulho (Spirn, 1992).

Spirn (1992) prega que a cidade celestial não é uma discussão sobre uma cidade estética, mas sobre o ser humano utilizar sua capacidade de manipulação do meio ambiente para a construção da coexistência com a natureza.

“É tempo de empregar um dos maiores talentos humanos, a capacidade de manipular o ambiente, para transformar um ambiente que se tornou hostil a própria vida num habitat humano que sustenta a vida e favoreça o crescimento, tanto pessoal como coletivo”. (Spirn, 1992, p. 301)

Para Beatley (2013) a ideia da cidade resiliente, não é algo utópico e sim uma decisão de planejamento: através da aplicação do conceito de cidade biofílica, promovendo um local onde o curso normal da vida dos habitantes é rico em sentir, ver e experimentar a natureza, a cidade biofílica é classificada como uma cidade resiliente pelo autor, que se aproxima ideologicamente da cidade celestial de Spirn (1995). Beatley (2011) apresenta metas para o desenvolvimento de cidades biofílicas, que vão do acesso às áreas verdes para todos os habitantes de uma cidade ao design biofílico de edificações, sem exigir que uma cidade seja reconstruída do zero, mas adaptada.

Beatley (2011) elabora seu estudo através de cidades do início do século XXI, que já sofreram mudanças devido a ação antrópica e que deverão sofrer novamente pelas mãos dos mesmos ocupantes para poderem resistir através dos problemas climáticos que deverão se agravar ao longo do século XXI (Conti, 2005).

Frente às mudanças climáticas que já são percebidas desde a década de 70 (Conti, 2005) avisa sobre a insensatez humana ser a responsável por eventos climáticos atípicos. E surgem em 2015 os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), criados pela Organização das Nações Unidas. Os 17 ODS se apresentam como parâmetros para o desenvolvimento de cidades e comunidades mais sustentáveis, através da adaptação das cidades.

Figura 01



Legenda: 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ONU)

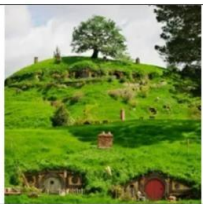
Fonte: Nações Unidas do Brasil, <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>, disponível 02/04/2023

Como um primeiro passo em direção às cidades sustentáveis, observa-se que a ONU (2015) propõe que os países em desenvolvimento busquem estratégias ambientais válidas a fim de promover modelos de desenvolvimento que visam cidades mais equilibradas socioeconomicamente e ambientalmente mais justas.

Esta pesquisa rastreia nos livros de Tolkien (1954) e nas obras cinematográficas feitas a partir de 2001, os contextos presentes na idealização das cidades e sociedades do autor, mapeando os valores do imaginário coletivo para a construção de cidades ideais. Para realizar estas análises serão utilizados os indicadores de Beatley (2011) para cidades biofílicas e os 17 ODS.

O universo de pesquisa são as cidades utópicas de Tolkien (1954) do primeiro livro e do primeiro filme da trilogia e os critérios de seleção são:

- Se o local aparece tanto no livro quando no filme.
- A existência de uma população aparente que a ocupa
- Se é estabelecido um status ou estereótipo aos moradores (exemplo: elfos e sua sabedoria, hobbits e sua ingenuidade etc.)
- Se existe um bem-estar coletivo aparente.
- Se há a presença de natureza integrando a cidade.

O CONDADO	VALFENDA	MORIA (antes da queda)	LOTHLÓRIEN
			
Figura 2. Fonte: Aminoapps. https://aminoapps.com/c/senhor-dos-aneis-o-hobbit/page/item/o-condado/505g_vBu5leND706qwxwQMj6zj2LpWBGV disponível em 01/08/2024	Figura 3. Fonte: Aminoapps. https://aminoapps.com/c/senhor-dos-aneis-o-hobbit/page/item/valfenda/DbVY_48SNijbKGvMXjPv24ag2RDUIBe disponível em 01/08/2024	Figura 4. Fonte: PrimeVideo. https://www.primevideo.com/ disponível em 01/08/2024	Figura 5. Fonte: Aminoapps. https://aminoapps.com/c/senhor-dos-aneis-o-hobbit/page/item/lothlorien/xoxr_QpuQlwjDM6DB7aJlYYQrnqPbZPYDx disponível em 01/08/2024

- As cidades selecionadas são: *O condado*, *Valfenda*, *Moria* e *Lothlórien*.

Pode-se usar de exemplo, na obra de Tolkien (1954), a localidade de *Isengard* como fora do recorte que se procura. Não se trata de uma cidade, mas uma torre ocupada por um único habitante, em um vasto terreno estéril. Não possui natureza permeada em sua construção nem árvores ou vegetações rateiras em seu território. Coincidentemente, o único habitante deste local é uma personagem que irá se revelar como vilã, ao longo da história. O descaso com o efeito da construção no território em que está inserida, a consequência do solo se tornar infértil, a ausência de mais seres vivos ocupando a torre e seus arredores, se assemelha ao que Spirn (1995) descreve como imagem da cidade infernal.

Para Spirn (1995) também existem cidades celestiais e nesta perspectiva foram selecionadas as cidades abaixo:

- *O condado* é uma vila simples, com construções vernaculares e parcialmente subterrâneas, a população que a ocupa é uma espécie denominada “hobbits” que se distanciam dos humanos pela altura reduzida e características corporais diferentes. É uma cidade estanque, sem elementos complexos, descrita como harmoniosa.
- *Valfenda* é uma das cidades ocupadas por elfos da obra, é instalada ao longo de um rio, no vale entre montanhas, e sua população é tida como elevada entre a hierarquia da sociedade. Possui construções complexas e incorporadas pela natureza.
- *Moria* é uma cidade escavada em uma montanha, e, para esta pesquisa, é analisada como era antes de sua queda. Ocupada por anões, possui um sistema complexo de vida, tendo plantações e abastecimento de insumos naturais internos.
- *Lothlórien* é outra cidade ocupada por elfos, porém, esta é construída ao longo de árvores e imita o design da natureza. As moradias e espaços sociais são construídos ao longo do tronco das árvores e são conectadas através de passarelas. Retratada como um lugar etéreo, também possui o status elevado que o recanto de um elfo possui na obra de Tolkien (1954).

Nas quatro cidades selecionadas pode-se perceber que se assemelham as cidades celestiais não pela superação de desafios ambientais decorridos do desenvolvimento humano através de estratégias e planejamento ambiental, mas que são análogas a fase final após as soluções obtidas.

O planejamento urbano ecológico e estratégias ambientais são simultâneos ao desenvolvimento humano desde os primeiros ocupantes das cidades, o que as catapultam para a fase de cidade celestial, sem a necessidade do risco de se tornar uma cidade infernal para transformações.

Para relacionar as cidades celestiais selecionadas com os indicadores de cidades biofílicas de Beatley (2011), foi elaborada a tabela 1.

Tabela 1

CIDADE UTÓPICA DE TOLKIEN INDICADORES DE CIDADE BIOFÍLICA POR BEATLEY, 2011	O CONDADO	VALFENDA	MORIA (antes da queda)	LOTHLÓRIEN
Porcentagem da população à 100 metros de um parque ou espaço verde	X	X	X	X
Existência de uma rede ecológica conectada e integrada	X	X	X	X
Porcentagem de área da cidade que é terreno de floresta selvagem ou semisselvagem	X	X		X
Porcentagem de cobertura de floresta na cidade	X	X		X
Extensão e número de características urbanas verdes	X	X	X	X
Milhas per capita de trilhas	X	X	X	X
Número de jardins comunitários e parcelas de jardim	X	X	X	X
Porcentagem da população que é ativa na natureza ou clubes externos	X	X	X	X
Porcentagem da população engajada em restaurar a natureza	X	X	X	X
Porcentagem do tempo que os residentes passam fora de casa	X	X	-	X
Porcentagem dos residentes que são jardineiros ativos	X	X	X	X



Extensão do tempo que escolas tem atividades externas	-	-	-	-
Porcentagem da população que consegue reconhecer espécies comuns de flora e fauna	X	X	X	X
Extensão dos residentes que são curiosos sobre o mundo natural ao seu redor	X	X	X	X
Adoção da biodiversidade local como estratégia	X	X	X	X
Existência de um museu de história natural ou jardim botânico	-	-	-	-
Prioridade dada à educação ambiental	X	X	X	X
Porcentagem de orçamento local dedicado a conservação da natureza e relacionados	-	-	-	-
Adoção de códigos de construção e planejamento verdes, programas de subsídios, bônus de densidade, iniciativas de espaços verdes e padrões de iluminação de céu escuro	X	X	-	X
Número de projetos e iniciativas piloto biofílicas apoiadas pela cidade	-	-	-	-

Pode-se perceber que nas quatro cidades a população vive integrada com espaços verdes e existe uma rede ecológica conectada e integrada. A natureza permeia o dia a dia, na produção de alimentos e na vida selvagem que não está limitada as barreiras da cidade, pois a parcela da área da cidade que é terreno de floresta selvagem ou semisselvagem é próxima da metade do território. Também, devido ao fato que neste contexto não existe material como o concreto, que esteriliza os terrenos e vias, os deslocamentos são através de vias como trilhas, sem haver uma rua propriamente dita.

Em cada cidade, as características urbanas e verdes aparecem de forma específica.

- *O Condado*, as casas são parcialmente ou totalmente subterrâneas, o que, para a análise urbana, resulta em vias abertas e limpas, sem construções interferindo na paisagem e no fluxo de pessoas e mercadorias.



- *Valfenda*, as construções não são subterrâneas, porém, os espaços público e privado são mistos entre si e com os espaços verdes, o que cria grandes áreas de convívio e de fluxo.
- *Moria* não há cobertura de floresta selvagem já que se trata de uma cidade escavada, porém, as características como posicionamento estratégico de áreas verdes e uso de tetos e paredes verdes mostram a preocupação com a natureza em seu desenho.
- *Lothlórien*, a cidade é uma cidade acoplada as copas das árvores, sendo que suas coberturas são verdes por *serem* a copa das árvores. São incorporados em suas construções os atributos verdes das árvores em que se anexaram.

Nestas cidades, as populações são, inevitavelmente, ativas na natureza através de jardins comunitários. A necessidade do sustento autônomo resulta em residentes que: passam uma parcela considerável do seu dia fora de casa, que consegue reconhecer espécies comuns de flora e fauna e que são engajados em manter a natureza viva ao seu redor.

Entre outros itens, as cidades utópicas selecionadas corresponderam à dezesseis dos vinte indicadores de cidades biofílicas elaborados por Beatley (2011).

Para a análise da sustentabilidade como ela é vista atualmente, nas cidades utópicas, foi elaborada a tabela 2, onde os 17 ODS são cruzados com as cidades selecionadas.

Tabela 2

CIDADE UTÓPICA DE TOLKIEN INDICADORES DE CIDADES SUSTENTÁVEIS (17 ODS)	O CONDADO	VALFENDA	MORIA (antes da queda)	LOTHLÓRIEN
1. Erradicação Da Pobreza	X	X	X	X
2. Fome Zero E Agricultura Sustentável	X	X	X	X
3. Saúde E Bem-Estar	X	X	X	X
4. Educação De Qualidade	X	X	X	X
5. Igualdade De Gênero	X	X	X	X
6. Água Potável E Saneamento	X	X	X	X
7. Energia Limpa E Acessível	X	X	X	X
8. Trabalho Decente E Crescimento Econômico	X	X	X	X
9. Indústria, Inovação E Infraestrutura	-	-	-	-



10.Redução Das Desigualdades	X	X	X	X
11.Cidades E Comunidades Sustentáveis	X	X	X	X
12.Consumo E Produção Responsáveis	X	X	X	X
13.Ação Contra A Mudança Global Do Clima	-	-	-	-
14.Vida Na Água	X	X	X	X
15.Vida Terrestre	X	X	X	X
16.Paz, Justiça E Instituições Eficazes	X	X	X	X
17.Parceiras E Meios De Implementação	-	-	-	-

Através da tabela 2, é possível observar que as cidades selecionadas preenchem os requisitos para catorze dos dezessete objetivos. Como neste contexto fantasioso da obra de Tolkien (1954) não há industrialização ou mudanças climáticas, os ODS 9, 13 e 17 não puderam ser preenchidos pelas cidades selecionadas.

Dentro de cada cidade selecionada, não há pessoas descritas como pobres, somente personagens elevados na hierarquia social do local ou personagens com casas maiores, porém, a pobreza não é algo apontado. Através da agricultura local autônoma, a fome é tida como zero. A saúde e bem-estar é evidenciada nas populações das cidades selecionadas, com personagens descritos como vivendo além da expectativa de vida padrão para outros povos da obra.

Questões como água potável e saneamento e vida na água são resolvidas. Como Hardin (1968) aponta, a natureza consegue reverter esses problemas em áreas de pouca densidade populacional, como é o caso das cidades selecionadas. A energia vem através de moinhos de vento posicionados nos cursos de água, o que a tornam uma energia limpa e acessível.

A educação não é explicitada através da presença de escolas, porém, os personagens sabem ler e escrever e livros e outros tipos de conhecimento são acessíveis, principalmente através do conhecimento oral. Isto se aplica a ambos os gêneros, sendo que a igualdade é algo espontâneo na obra, com personagens de destaque e poder de ambos os gêneros, sem discriminação através de barreiras como: personagens femininas sabem ler e escrever,

possuem o mesmo acesso a conhecimento e poderiam ser guerreiras e outros tipos, sem barreiras.

Mesmo que a obra se baseie na personagem principal em uma aventura contra a instituição do mal na Terra Média, a paz, justiça e instituições eficazes são presenciadas nas cidades selecionadas.

Pode-se ponderar que nesta obra, onde existe apenas *Isengard* semelhante a uma cidade infernal de Spirn (1995), as cidades *O Condado*, *Valfenda*, *Moria* e *Lothlórien* seriam somente que cidades comuns aos olhos de seu cidadão. Sem adjetivos relacionados a sustentabilidade e biofilia.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, foram analisados vários conceitos sobre como as cidades são importantes para o desenvolvimento humano. Seja como fonte de alimentação, seja como um lar ou como um meio para um fim, a cidade como organização representa a população que a ocupa. Sendo esta, a responsável pelas mudanças que a cidade pode precisar. Essa coletividade precisa analisar e interpretar o mundo em que vive para decidir se está em uma cidade celestial, ou uma cidade infernal. Entender a qual grau de deterioração está sua realidade para poder imaginar uma solução.

A vista disso mostra-se a questão: se uma população vive em cidades infernais e sonha com cidades celestiais, quais as características desta cidade ideal?

Assimilando que o imaginário coletivo é um dos repertórios para uma mesma população que vive o espaço e suas dificuldades e, portanto, tem semelhanças de cultura e de parâmetros de cidade, analisar possíveis influências se mostra válido.

O alcance das obras de Tolkien (1954), desde a época de sua estreia até os dias atuais, aponta para um sucesso de aceitação do universo criado pelo autor. Seu legado ter sido elaborado após uma fase histórica na qual grande parcela da população mundial vivenciou realidades próximas a distopias, pode enquadrar a obra de Tolkien (1954) como a análise otimista de chance de sucesso (Coelho, 1985) para a realidade em que estava inserido o autor.

Não é possível afirmar com qual intensidade as cidades utópicas influenciam a construção de cidades reais ou de conceitos da cidade ideal no imaginário coletivo, mas é

possível afirmar que as cidades utópicas selecionadas atendem a maioria dos 17 ODS e dos indicadores de cidades biofílicas de Beatley (2011).

Em princípio, as cidades utópicas de Tolkien (1954), principalmente as relacionadas à uma população elevada como os elfos³ demonstram sustentabilidade e biofilia como itens contíguos. Possuir estruturas construtivas vernaculares e design biomimético é algo que está sendo elaborado por acadêmicos no século XXI, porém, Tolkien (1954) já trazia a ideia a lançar seu livro. Em 2001, com o lançamento do primeiro filme da franquia, foi através do imaginário coletivo dos produtores da obra que as cidades foram idealizadas espacialmente para o público.

A presença constante de natureza e de pensamentos voltados ao equilíbrio com o espaço em que estão inseridos resultam em águas limpas, pessoas alimentadas, uma sociedade equilibrada e o prevalecimento do bem-estar coletivo. Através de problemáticas fantasiosas, a luta dos personagens é para manter essa cultura e estilo de vida.

Embora a cidade celestial de Spirn (1995) seja elaborada em cima do molde de uma cidade urbana da sociedade do século XXI, seria possível colocar a ideia de que a cidade utópica de Tolkien (1954) é uma cidade que resolveu problemas de abastecimento, de moradia, de densidade populacional, apesar de naturalmente e sem poderes judiciários tais quais uma cidade atual, como uma cidade celestial teria resolvido na procura por sua plenitude.

Conclui-se essa pesquisa, com a provocação: obras literárias como Tolkien (1954) têm o poder para influenciar na construção de realidades, como fruto do entretenimento ou da fuga procurada pelas obras utópicas?

4. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge Luiz. **A cidade do devir na utopia de Thomas Morus**. GEOgraphia, v. 5, n. 10, p. 5-16, 2003.

BEATLEY, Timothy. **Biophilic cities: integrating nature into urban design and planning**. Washington, DC: Island Press, 2010.

³ Espécie fantasiosa e mágica que habita as cidades Valfenda e Lothlórien, são descritos como superiores intelectualmente.



BEATLEY, Timothy; NEWMAN, Peter. **Biophilic cities are sustainable, resilient cities.** Sustainability, v. 5, n. 8, p. 3328-3345, 2013.

COELHO, Teixeira. **O que é utopia?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

CONTI, José Bueno. **Considerações sobre as mudanças climáticas globais.** Revista do Departamento de Geografia, v. 16, p. 70-75, 2005.

HARDIN, Garrett. **The tragedy of the commons.** Science, v. 162, n. 3859, p. 1243-1248, 1968.

LACROIX, Jean-Yves. **A utopia: um convite à filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LOBÃO, Ronaldo Joaquim da Silveira; MARANHÃO, Tatiana Calandrino; MENEZES, Allân Sinclair Haynes de. **Ideologias, utopias, distopias, “entopias”: movimentos contra hegemônicos na relação natureza-cultura.** Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, p. 263-268, 2019.

ROSA, Débora Cristina Joaquina et al. **O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa.** Psicologia Clínica, v. 31, n. 3, p. 577-595, 2019.

SARLO, Beatriz. **A cidade vista: mercadorias e cultura urbana.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

SPIRN, Anne Whiston. **O jardim de granito: a natureza no desenho da cidade.** São Paulo: Edusp, 1995.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **O senhor dos anéis: a sociedade do anel.** 1. ed. São Paulo: HarperCollins, 2018.

Contatos: farahtegian@gmail.com e perola.brocaneli@mackenzie.br